

Evolução da Linguagem Escrita no Pré-Escolar

Carla Lourenço & Margarida Alves Martins

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da
Educação

A apreensão da linguagem escrita por parte das crianças começa desde muito cedo, mesmo antes da entrada para o 1º ano de escolaridade, onde o ensino da leitura e da escrita se inicia. Esta apreensão desenvolve-se através do contacto com práticas sociais e culturais em torno da leitura e da escrita, que são desiguais em diferentes contextos educativos.

Sabe-se actualmente que o conhecimento do nome das letras, a consciência fonológica e as escritas inventadas são cruciais para a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Assim, o objectivo deste estudo é o de verificar de que forma estes aspectos se vão desenvolvendo e associando ao longo do último ano do pré-escolar.

Participaram neste estudo um grupo de 28 crianças de estatuto sociocultural desfavorecido, a frequentarem o último ano da educação pré-escolar.

Os resultados demonstraram a evolução de cada um dos aspectos estudados, bem como, as associações existentes entre eles.

Palavras-chave: Linguagem escrita, Crianças em Idade Pré-escolar.

1. INTRODUÇÃO

Hoje em dia é relativamente consensual o impacto que as escritas inventadas têm na compreensão do princípio alfabético, mesmo antes da entrada das crianças para o ensino formal.

Estudos pioneiros desenvolvidos por Ferreiro e Teberosky (1979), e por Ferreiro (1988, 1991) demonstraram o modo como as crianças, antes do ensino formal, vão colocando e reformulando hipóteses acerca da linguagem escrita. As autoras identificaram nas produções escritas das crianças (escritas inventadas) três níveis evolutivos principais. Num primeiro nível, as crianças tentam separar no interior do universo de marcas gráficas as icónicas das não icónicas; a escrita parece definir-se negativamente - não é desenho. As crianças começam por reproduzir os traços típicos da escrita através de grafismos separados entre si, uma série de círculos representando a descontinuidade da escrita de imprensa, ou de grafismos ligados entre si, uma linha ondulada representando a continuidade da escrita cursiva, sendo também característico

deste primeiro momento escritas em que as formas dos grafismos reproduzem a forma dos objectos.

Num segundo nível, as escritas continuam a não ser determinadas por critérios linguísticos. As crianças tentam reproduzir a imagem que têm de uma palavra escrita, utilizando um conjunto de letras que conhecem e que vão alternando de palavra para palavra, para a escrita de diferentes palavras. Quantidade mínima de letras e variedade de letras no interior de cada palavra e de palavra para palavra são os critérios fundamentais que orientam a escrita.

Num terceiro nível, as crianças estabelecem as primeiras relações entre a oralidade e a escrita, passando a escrita a ser orientadas por critérios linguísticos. As crianças representam os sons que identificam no oral por letras convencionais (escritas fonetizadas). Neste último momento, as escritas começam por ser silábicas, em que cada uma das sílabas das palavras é representada por uma letra convencional; posteriormente silábico-alfabéticas, em que a análise da palavra no oral vai para além da sílaba e as crianças representam mais do que uma letra por sílaba; no final desta evolução as escritas das crianças passam a ser alfabéticas, realizando as crianças uma análise de todos os fonemas das palavras que escrevem e fazendo-lhes corresponder letras convencionais, apesar de existirem erros de ortografia.

No seguimento destes trabalhos foram desenvolvidos estudos semelhantes sobre a evolução das escritas inventadas noutras línguas, nomeadamente no Português (Alves Martins, 1994), no Francês (Besse, 1996; Fijalkow, 1993), no Italiano (Pontecorvo & Orsolini, 1996), no Inglês (Sulzby, 1986) e no Hebraico (Tolchinsky, 1995). Estes estudos identificaram um percurso evolutivo muito semelhante ao acima descrito com algumas diferenças que derivam das características de cada uma das línguas e dos nomes pelos quais os autores designaram as diversas fases ou níveis.

Diversos autores, nomeadamente Adams (1998) e Treiman (1998), realizaram estudos em que demonstraram a forma como as escritas inventadas contribuem para a aquisição do princípio alfabético. Também vários estudos experimentais levados a cabo por Silva e Alves Martins (2002, 2003), Alves Martins e Silva (2006 a, b) e Alves Martins, Silva e Lourenço (2009), demonstraram os benefícios das escritas inventadas para a aquisição do princípio alfabético. Nestes estudos foram desenvolvidos vários programas de escrita com crianças em idade pré-escolar que tinham como objectivo fazer evoluir as suas escritas inventadas; os resultados demonstraram evoluções

significativas, pois as crianças passaram a produzir escritas pertencentes a níveis mais avançados, nomeadamente escritas silábico-alfabéticas e alfabéticas.

Outro dos aspectos que aparece descrito na literatura como importante para a aquisição do princípio alfabético é a consciência fonológica. Se a consciência silábica parece desenvolver-se em crianças de idade pré-escolar na ausência de um ensino explícito, tal não parece ser o caso no que respeita à consciência fonémica cujo desenvolvimento implica um treino explícito ou que decorre da aprendizagem da leitura e da escrita. Vários estudos têm demonstrado a importância desempenhada por estas capacidades metalinguísticas na compreensão do princípio alfabético e na aquisição da literacia (Adams, 1998; Ball & Blachman, 1991; Bryant & Bradley, 1987).

Por último, outro dos aspectos que contribui para a compreensão do princípio alfabético é o conhecimento do nome das letras. Este conhecimento facilita o estabelecimento de correspondências entre grafemas e fonemas, visto que o nome de algumas letras do alfabeto contém os sons que essas letras representam. Por outro lado, em línguas como o Português, algumas sílabas coincidem com o nome de letras, nomeadamente de vogais.

Qual a relação entre o desenvolvimento das escritas inventadas, o conhecimento do nome das letras e a consciência fonológica?

No que respeita à relação entre as escritas inventadas e o conhecimento do nome das letras, um estudo levado a cabo por Alves Martins e Silva (1999) demonstrou que o conhecimento do nome das letras desempenha um papel importante na evolução das conceptualizações das crianças acerca da linguagem escrita, principalmente no início da fonetização da escrita, momento em que as crianças começam a tentar fazer corresponder uma letra convencional ao som que identificam no oral. Por outro lado, a capacidade para ouvir o nome das letras na pronúncia das palavras durante as tentativas de escrita parece contribuir para que as crianças se apercebam de que a escrita representa a oralidade (Bradley & Bryant, 1991; Cardoso-Martins, 1995).

Também o estudo realizado por Treiman, Tincoff e Richmond-Welty (1996) sugere que o conhecimento do nome das letras é importante no começo do estabelecimento da relação entre o oral e a escrita.

No que diz respeito à relação entre as escritas inventadas e a consciência fonológica, programas de intervenção com crianças em idade pré-escolar desenvolvidos por Silva e Alves Martins (2002, 2003) e Alves Martins e Silva (2006 a, b) demonstraram que o impacto de programas de treino fonológico e de programas de

escrita inventada conduzem a progressos idênticos nas crianças, relativamente à evolução das suas competências fonológicas e à evolução das suas escritas inventadas.

. Treiman (1998) por sua vez, atesta que as escritas inventadas das crianças constituem um modo de fomentar a consciência fonológica, assim como Adams (1998) refere que há uma grande evidência de que as escritas inventadas desenvolvem esta consciência e simultaneamente a compreensão do princípio alfabético. Vários outros autores (e.g. Alvarado, 1998; Ferreiro, 1991; Vernon, 1998) consideram que os problemas que as crianças enfrentam para reconstruir as suas hipóteses sobre a escrita constituem o principal motor do desenvolvimento da consciência fonológica.

A relação entre a consciência fonológica e o conhecimento do nome das letras é também referida em diversos estudos como os de Silva (2003) e de Treiman (1998) que afirma que o conhecimento do nome das letras parece potenciar o desenvolvimento de habilidades fonológicas.

2. OBJECTIVOS

Este estudo teve como objectivo estudar a evolução das escritas inventadas, da consciência fonológica e do conhecimento do nome das letras, ao longo do último ano pré-escolar, bem como a forma como estes três aspectos se vão relacionando ao longo do ano.

3. MÉTODO

3.1 Participantes

Os participantes foram 23 crianças de 5 anos, 14 rapazes e 9 raparigas, de duas turmas que frequentavam o mesmo jardim-de-infância. As crianças pertenciam a famílias de estatuto sociocultural desfavorecido. No jardim-de-infância não eram desenvolvidas de forma explícita e sistemática quaisquer actividades relacionadas com a linguagem escrita ou com a reflexão sobre a linguagem oral.

Todas as crianças que participaram neste trabalho passaram por três momentos avaliativos, sendo esse um factor de inclusão no estudo. As mesmas provas foram aplicadas ao longo do ano lectivo, sendo as crianças avaliadas no início, no meio e no final do pré-escolar.

3.2 Instrumentos e Procedimentos

Avaliação das escritas infantis

Com o objectivo de avaliarmos a escrita das crianças, realizámos uma entrevista de tipo piagetiano em que pedíamos às crianças que escrevessem como soubessem um conjunto de palavras. A cada criança foram ditadas 7 palavras (ave, boi, formiga, iogurte, urso zebra e zebras), com características muito particulares. As palavras variavam segundo o número de sílabas, existindo palavras monossilábicas (boi), dissilábicas (ave, urso, zebra e zebras), trissilábicas (formiga) e polissilábicas (iogurte). Três das palavras eram iniciadas por vogais e as restantes quatro palavras eram iniciadas por consoantes. As palavras “boi” e “formiga” representavam referentes bastante contrastados, onde a dimensão do referente é inversa do número de letras que constituem as palavras; assim, a palavra boi reenvia para um referente grande escrevendo-se com poucas letras, e formiga, pelo contrário, reenvia para um referente pequeno escrevendo-se com mais letras. A palavra “zebras” reenvia para o plural da palavra “zebra”.

Para a análise da produção escrita das crianças, foi utilizada a seguinte classificação:

Reprodução de traços típicos da escrita: Neste nível, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma. Esta escrita pode ser de dois tipos: grafismos separados entre si, uma série de círculos (com a descontinuidade da escrita de imprensa), ou grafismos ligados entre si com uma linha ondulada (com a continuidade da escrita cursiva). Também é característico deste nível, escritas em que as formas dos grafismos reproduzem a forma dos objectos.



Figura 1: Exemplo de reprodução de traços típicos da escrita

Grafo-perceptivo: Neste nível as escritas ainda não são orientadas por critérios linguísticos, não existindo qualquer tentativa de relação entre o oral e a escrita. Sendo uma tentativa das crianças de representarem a imagem que têm de uma palavra escrita. Do ponto de vista gráfico, estas escritas são compostas por letras, pseudo-letras ou algarismos; para escreverem uma palavra as crianças podem usar várias letras ou apenas uma.

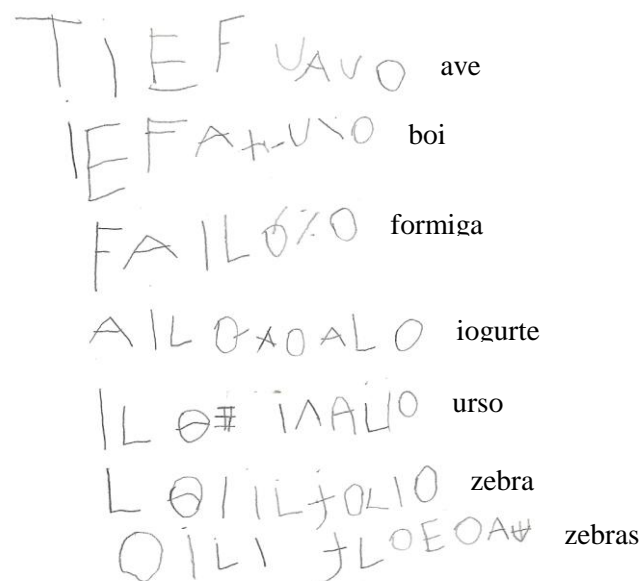


Figura 2: Exemplo de escritas grafo-perceptivas

Escritas fonetizadas: Neste nível as escritas das crianças já são orientadas por critérios linguísticos, procurando as crianças estabelecer alguma relação entre a mensagem oral e as marcas escritas que realizam. Nalguns casos utilizam uma letra correcta por palavra, noutros, conseguem representar mais do que uma letra correctamente.

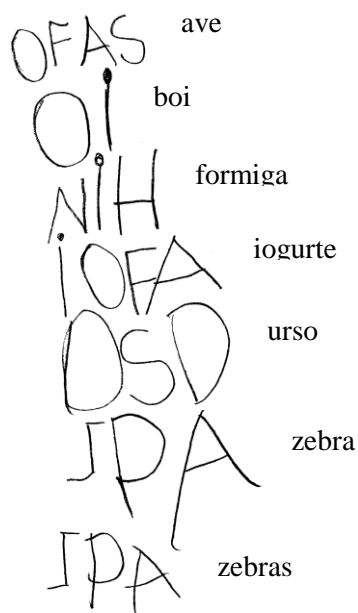


Figura 3: Exemplo de escritas fonetizadas

Recusa: As crianças foram incluídas neste grupo sempre que se recusaram a realizar a prova, não produzindo qualquer escrita.

Avaliação da consciência fonológica

Com o intuito de avaliarmos a consciência fonológica das crianças aplicámos a prova de Classificação com base na Sílabas Iniciais e a prova de Classificação com base no Fonema Inicial, pertencentes à Bateria de Provas Fonológicas de Silva (2002).

As duas provas eram constituídas por 14 itens cada, precedidos por dois itens de treino. A cada um dos itens correspondia um cartão, que continha quatro palavras sob a forma figurativa, das quais duas começavam pela mesma sílaba ou pelo mesmo fonema, e foi pedido às crianças que as identificassem. As crianças tinham que categorizar duas palavras alvo em quatro, segundo um critério silábico ou fonémico.

Foi atribuído um ponto a cada resposta correcta.

Avaliação do conhecimento do nome das letras

Com o objectivo de determinarmos o número de letras que as crianças conheciam, foram apresentados 23 cartões que continham as letras do alfabeto português em maiúsculas e minúsculas, assim como em letra de imprensa e letra manuscrita (excluindo o K, o Y e o W). Foi pedido às crianças que nomeassem o nome de cada uma das letras apresentadas. Foi atribuído um ponto por cada letra nomeada correctamente.

4. RESULTADOS

Ao longo do último ano do pré-escolar verificou-se uma evolução positiva em todos os aspectos avaliados. Verificaram-se melhorias nos resultados da avaliação realizada no início do ano para os resultados obtidos na avaliação intermédia, assim como, se verificou uma melhoria dos resultados obtidos da avaliação intermédia em comparação com os resultados obtidos no final do ano lectivo.

A Tabela 1 mostra o número de crianças pertencentes a cada um dos níveis de escrita, nos três momentos avaliativos.

Tabela 1 - *Número de crianças em cada um dos níveis de escrita, nos três momentos avaliativos.*

Avaliação	Reprodução de traços típicos da escrita	Grafo-perceptivo	Escritas fonetizadas	Recusa
Inicial	14	3	0	6
Intermédia	6	14	3	0
Final	0	17	6	0

Através da Tabela 1 verificamos que as escritas das crianças evoluíram ao longo do ano pré-escolar. No início do ano a maioria das crianças produziu escritas pertencentes ao nível de reprodução de traços típicos da escrita, e no final do ano a maioria das crianças produziu escritas pertencentes ao nível grafo-perceptivo; também podemos verificar que inicialmente nenhuma criança produziu escritas pertencentes ao

nível de escritas fonetizadas e no final do ano 6 crianças já foram capazes de escrever usando letras adequadas para representar alguns sons identificados no oral.

A Tabela 2 mostra as médias e desvios-padrão das provas de consciência fonológica e de conhecimento do nome das letras, nos três momentos avaliativos.

Tabela 2 - *Médias e desvios-padrão das provas de consciência fonológica e do conhecimento do nome das letras, nos três momentos avaliativos*

Avaliação	SI		FI		Letras	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Inicial	0.74	1.51	0.13	0.34	1.09	1.62
Intermédia	2.39	2.90	1.17	1.64	3.61	3.65
Final	2.83	2.69	2.61	1.92	5.96	5.98

SI = Classificação da sílaba inicial

FI = Classificação do fonema inicial

Como se pode verificar a partir da Tabela 2, quer em relação à consciência da sílaba e do fonema, quer em relação ao conhecimento do nome das letras, houve evolução desde o início do ano até ao final do ano.

No que diz respeito à prova de classificação da sílaba inicial, no início do ano 14 crianças não conseguiram responder adequadamente a nenhum dos itens e o resultado mais elevado foi de 7 pontos, obtido por uma das crianças. Já no final do ano, só 3 crianças obtiveram 0 pontos tendo havido 4 crianças que obtiveram 7 ou mais pontos.

No que diz respeito à classificação do fonema inicial, no início do ano 20 crianças tiveram uma pontuação de 0 e 3 crianças de 1 ponto. No final do ano, só 3 crianças obtiveram 0 pontos tendo havido outras 3 que conseguiram responder adequadamente a 6 itens.

Quanto aos resultados obtidos na prova de conhecimento do nome das letras, no início do ano 13 crianças não conheciam nenhuma letra e o resultado mais elevado foi obtido por uma criança que conhecia 6 letras. As letras mais conhecidas eram as vogais, em particular a letra A e a letra O, assim como a consoante X. No final do ano, existe

apenas uma criança que conhece só uma letra; a pontuação mais alta foi obtida por uma criança que conhecia 22 letras.

Efectuámos testes de Wilcoxon para comparar a evolução de cada variável do início do ano para Fevereiro e deste para o final do ano. Os resultados mostram uma evolução significativa na escrita do primeiro para o segundo momento ($z = -3.78, p < 0.001$) e deste para o terceiro momento ($z = -2.88, p < 0.01$). No que diz respeito à classificação da sílaba inicial existe uma evolução significativa do primeiro para o segundo momento ($z = -2.49, p < 0.05$) mas não deste para o final do ano ($z = -1.10, p = 0.272$). Quanto à classificação do fonema inicial, os resultados mostram uma evolução significativa do primeiro para o segundo momento ($z = -2.69, p < 0.01$) e deste para o terceiro momento ($z = -2.61, p < 0.01$). No que respeita ao conhecimento do nome das letras houve uma evolução significativa do primeiro para o segundo momento ($z = -3.24, p < 0.01$) e deste para o terceiro momento ($z = -3.09, p < 0.01$).

Com o intuito de explorarmos a relação entre as variáveis em cada momento de avaliação, procedemos ao cálculo das correlações entre a escrita, a classificação da sílaba inicial, do fonema inicial e o conhecimento do nome das letras. Os resultados do teste de Spearman mostram que no início do ano a única associação significativa é entre as duas provas de consciência fonológica ($r_s = 0.49, p < 0.05$); em Fevereiro a associação entre as duas provas fonológicas continua a ser significativa ($r_s = 0.55, p < 0.01$) e existem igualmente correlações significativas entre o conhecimento das letras e a classificação da sílaba inicial ($r_s = 0.49, p < 0.05$). No final do ano, a associação entre as duas provas fonológicas continua a ser significativa ($r_s = 0.55, p < 0.01$), assim como entre o conhecimento das letras e a classificação da sílaba inicial ($r_s = 0.43, p < 0.05$). Acrescem a estas duas, as correlações entre as letras e as escritas inventadas ($r_s = 0.57, p < 0.01$).

5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este estudo teve como objectivo analisar a evolução das escritas inventadas, da consciência fonológica e do conhecimento do nome das letras, ao longo do último ano pré-escolar, bem como a forma como estes três aspectos se vão relacionando ao longo do ano.

Os resultados demonstraram uma evolução significativa de cada uma destas variáveis ao longo do último ano pré-escolar; assim, podemos verificar que em cada

momento avaliativo, as crianças apresentavam escritas pertencentes a níveis mais avançados, evoluíam na sua consciência fonológica tanto no que diz respeito à sílaba inicial (excepto entre Fevereiro e o final do ano), bem como, em relação ao fonema inicial e conheciam um maior número de letras.

Outro dos objectivos deste estudo prendia-se com a verificação da forma como as escritas infantis, a consciência fonológica nomeadamente a classificação com base na sílaba e no fonema inicial e o conhecimento do nome das letras, se relacionavam entre si. Os resultados evidenciaram que no início do ano existe apenas uma associação entre as duas provas da consciência fonológica.

A associação identificada no início do ano verificou-se novamente no segundo momento avaliativo. Na avaliação intermédia verificámos também que existia uma associação entre a consciência silábica e o número de letras que as crianças conheciam.

No final do ano, verificamos associações significativas entre as mesmas provas e entre a escrita e o conhecimento do nome das letras.

Desta forma, constatamos que à medida que se avança ao longo do ano, as associações entre as diversas variáveis em estudo parecem ser mais claras, mostrando que quanto mais evoluídas são as escritas das crianças mais letras elas conhecem e que quanto mais letras conhecem maior é a sua consciência silábica e vice-versa. Mostram por outro lado a existência de associações entre as duas provas de consciência fonológica nos três momentos do ano.

Estes resultados vão no sentido dos trabalhos de Alves Martins e Silva (1999) que referem a importância do conhecimento do nome das letras para a evolução das escritas das crianças, principalmente no início da fonetização da escrita. Vão igualmente no sentido dos trabalhos de Silva (2003) e de Treiman (1998) que afirmam que o conhecimento do nome das letras parece potenciar o desenvolvimento de habilidades fonológicas. No entanto, não queremos deixar de mencionar que se trata de um estudo correlacional, em que não se podem tirar conclusões sobre que variáveis influenciam e que variáveis são influenciadas. Por outro lado, foi um estudo efectuado com crianças de meios socioculturais particularmente desfavorecidos, num contexto de jardim-de-infância em que nenhum destes aspectos era trabalhado explicitamente. Seria interessante, em futuros estudos, analisar as relações entre estas variáveis em contextos socioculturais diferentes.

6. CONCLUSÕES

Este estudo permitiu verificar que os conhecimentos de um grupo de crianças de origens socioculturais desfavorecidas acerca da linguagem oral e da linguagem escrita evoluem do início para o fim do último ano do pré-escolar e que ao longo do ano as relações entre as escritas infantis a consciência fonológica e o conhecimento das letras se vão estreitando.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Margarida Alves Martins

Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação, Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa

mmartins@ispa.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, M. (1998). *Beginning to read: Thinking and learning about print*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Alvarado, M. (1998). Consciencia fonológica y escritura en niños preescolares: la posibilidad de omitir el primer segmento. *Lectura y Vida*, 3, 42-50.
- Alves Martins, M. (1994). Conceptualizações infantis sobre a linguagem escrita e aprendizagem da leitura. *Discursos*, 8, 53-70.
- Alves Martins, M., & Silva, C. (1999). O nome das letras e a fonetização da escrita. *Análise Psicológica*, 1 (17), 49-63.
- Alves Martins, M., & Silva, C. (2006a). The impact of invented spelling on phonemic awareness. *Learning and Instruction*, 16, 41-56.
- Alves Martins, M., & Silva, C. (2006b). Phonological abilities and writing among Portuguese preschool children. *European Journal of Psychology of Education*, 21, 163 - 182.
- Alves Martins, M., Silva, C., & Lourenço, C. (2009). O impacto de programas de escrita na evolução das escritas inventadas em crianças de idade pré-escolar. In B. Silva, L. Almeida, A. Lozano & M. Uzquiano (Org.), *Actas do X Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia* (pp.3164-3177). Braga: Universidade do Minho, Centro de Investigação em Educação – Cied.

- Ball, E., & Blachman, B.A. (1991). Does phoneme awareness training in kindergarten make a difference in early word recognition and developmental spelling? *Reading Research Quarterly* 24, 49-66.
- Besse, J-M. (1996). An approach to writing in kindergarten. In C. Pontecorvo, M. Orsolini, B. Burge, & L. Resnick (Eds.), *Children's early text construction* (pp. 127-144). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Bradley, L., & Bryant, P. (1991). Phonological skills before and after learning to read. In S. Brady & D. Shankweiler (Eds.), *Phonological processes in literacy: A tribute to Isabelle Y. Liberman* (pp. 37-46). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bryant, P., & Bradley, L. (1987). *Problemas de leitura na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cardoso-Martins, C. (1995). Sensitivity to rhymes, syllables, and phonemes in literacy acquisition in Portuguese. *Reading Research Quarterly*, 30, 808-828.
- Ferreiro, E. (1988). L'écriture avant la lettre. In H. Sinclair (Dir.), *La production de notations chez le jeune enfant* (pp. 17-70). Paris : PUF.
- Ferreiro, E. (1991). Psychological and epistemological problems on written representation of language. In M. Carretero, M. Pope, R. Simons, & J. Pozo (Eds.), *Learning and instruction: European research in an international context* (Vol.3, pp. 157-173). Oxford: Pergamon Press.
- Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1979). *Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño*. México: Siglo Veintiuno Editores.
- Fijalkow, J. (1993). *Entrer dans l'écrit*. Paris: Éditions Magnard.
- Pontecorvo, C., & Orsolini, M. (1996). Writing and written language in children's development. In C. Pontecorvo, M. Orsolini, B. Burge, & L. Resnick (Eds.), *Children's early text construction* (pp. 3-23). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Silva, C. (2002). *Bateria de provas fonológicas*. Lisboa: ISPA.
- Silva, C., & Alves Martins, M. (2002). Phonological skills and writing of pre-syllabic children. *Reading Research Quarterly*, 37, 466-483.
- Silva, C., & Alves Martins, M. (2003). Relations between children's invented spelling and the development of phonological awareness. *Educational Psychology*, 23, 3-16.

- Sulzby, E. (1986). Writing and reading as signs of oral and written language organization in the young children. In W.H. Teale & E. Sulzby (Eds.), *Emergent literacy: Writing and reading* (pp.50-87). Norwood, N J: Ablex.
- Tolchinsky, L.L. (1995). Desenvolvimento da alfabetização e suas implicações pedagógicas: evidências do sistema hebraico de escrita. In Y. Goodman (Ed.), *Como as crianças constroem a leitura e a escrita* (pp. 36-53). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Treiman, R. (1998). Why spelling? The benefits of incorporating spelling into beginning to reading instruction. In J. L. Metsala & L. C. Ehri (Eds.), *Word recognition in beginning literacy* (pp. 289-313). London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Treiman, R., Tincoff, R., & Richmond-Welty, E. D. (1996). Letter names held children to connect print and speech. *Developmental Psychology*, 32 (3), 505-514.
- Vernon, S. (1998). Escritura y consciencia fonológica en niños hispano-parlantes. *Infancia y Aprendizaje*, 81, 105-120.